



**Discurso proferido pelo Presidente Federal Joachim Gauck
por ocasião do evento comemorativo do 60.º aniversário
da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã
24 de junho de 2014
Lisboa**

Muito obrigado por me proporcionarem o prazer duplo de, por um lado, me poder dirigir, em conjunto consigo, Senhor Presidente da República, a uma assembleia de pessoas que desejam fazer avançar os nossos países – em conjunto. E, por outro, porque este aniversário é comemorado sob o excelente lema de “60 anos de conectividade”.

Gostaria de me debruçar sobre este lema – naturalmente no âmbito da instituição que hoje celebramos, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. Mas também gostaria de falar sobre ambos os nossos países, países esses que estão tão intensamente ligados entre si. O que nos ligou até hoje? E o que nos irá ligar amanhã?

Creio que não fará mal a ninguém realizar um pequeno autoexame crítico, sobretudo quando a percepção que se tem um do outro se reduz, por vezes, a pequenas frações da realidade. No fundo, é positivo quando as relações entre Estados são dominadas pelo quotidiano, pois é sinal de existência de normalidade e de ausência de fricções. Mas em boa verdade, a cooperação política é muito mais do que isso! Muito mais do que um comunicado de imprensa na sequência de uma reunião em Bruxelas. E a interdependência económica é muito mais do que a viatura importada da família, o berbequim ou, inversamente, a caixa de vinho do Porto e as férias em praias algarvias. E vai muito além dos números! Esses números poderão talvez descrever desenvolvimentos positivos, como por exemplo que a Alemanha é o segundo maior parceiro comercial de Portugal. Mas os números não nos elucidam sobre as experiências que formaram cada um dos parceiros, nem sobre a atitude com que vamos ao encontro do outro, tanto em períodos prósperos como nos momentos mais difíceis.

Formação e atitude, Portugal e Alemanha – é este o tema do meu discurso de hoje.

Permitam-me começar com as relações bilaterais no sentido estreito. Há 60 anos, os ventos eram relativamente favoráveis. Portugal era um dos poucos países na Europa que não tinha sofrido com a ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial. Emigrantes como Alfred Döblin, Lion Feuchtwanger, Heinrich Mann e mais de 100.000 pessoas que tinham escapado da perseguição nazi encontraram refúgio neste país. A maioria dessas pessoas lograram prosseguir a viagem via Lisboa até à América.

Quando, no início dos anos 50, a Alemanha teve de se reencontrar e reorientar – após uma profunda rutura civilizacional, após todos os crimes que haviam sido cometidos durante o período do nacional socialismo – Portugal foi um dos primeiros países a abrir-se à jovem República Federal, e não apenas a nível económico. Em 1954, a Lei Fundamental da Alemanha ocidental tinha apenas cinco anos de existência e o milagre económico – que mais tarde se viria a tornar tão famoso – estava a começar a dar os primeiros frutos para a população. As máquinas made in Germany começaram a chegar às unidades de produção portuguesas e, juntamente com os famosos vinhos, uma multiplicidade de produtos provenientes de Portugal começou a encher as prateleiras das lojas na Alemanha.

Mas não foram apenas os bens que começaram a entrar em movimento. Exatamente dez anos após a criação da Câmara de Comércio alemã em Portugal, o milionésimo trabalhador estrangeiro – Armando Rodrigues de Sá, um carpinteiro de Vale de Madeiros – foi acolhido em clima de festa em Colónia. Foi-lhe oferecido um motociclo, motociclo esse que se encontra hoje no museu Casa da História, em Bona. Em centenas de milhares de casos, os trabalhadores estrangeiros de então transformaram-se em cidadãos e cidadãs da República Federal da Alemanha. Os seus filhos e netos vêem a Alemanha como a sua casa, como o seu país. Muitos deles tiraram cursos superiores e transformaram os sonhos dos imigrantes – sobretudo o sonho da ascensão social – na sua realidade. E os que regressaram para o seu país moldaram, com os relatos das suas experiências na Alemanha, a imagem que as portuguesas e os portugueses têm do meu país e dos seus habitantes.

A confiança e a familiaridade mútuas cresceram durante esta época. Graças a muitas famílias de emigrantes, Portugal, nação de cultura e de grande História, aprendeu a estimar a Alemanha como país que oferece educação e oportunidades de emprego. E a Alemanha – pelo menos a parte que se apelidava de República Federal e se encontrava a oeste do Muro – eu não estava lá, infelizmente – depositava grandes esperanças em Portugal e nos portugueses que em 1974 se libertaram da ditadura com a Revolução dos Cravos. Quando,

há pouco, visitei a Assembleia da República, fiquei muito emocionado com as imagens impressionantes que pude ver numa exposição que documenta a passagem de uma ditadura para uma democracia funcional.

Isto aconteceu há quarenta anos, e é deveras impressionante o que o país alcançou desde então! Superou o isolamento político e económico, introduziu a democracia e a economia de mercado, e, por último, mas não menos importante, conquistou para si a Europa.

Sim, conquistou! Digo-o de forma muito consciente. Muito se escreveu, nos livros de História, sobre como a República Federal e os outros vizinhos europeus encorajaram Portugal no caminho rumo à Comunidade Europeia, sobre a ajuda que prestaram. O protagonista desse sucesso foi, no entanto, o próprio país, foram as pessoas que aqui viviam e que, entre os anos setenta e os anos noventa, conseguiram levar a cabo um processo de recuperação ímpar. Nesses anos, a Europa veio revelar-se uma escolha feliz para Portugal. Mas também se revelou um desafio duradouro. E todos sentimos que os responsáveis políticos e económicos irão continuar a ter de enfrentar desafios para levar o projeto da UE a bom porto.

Em última análise, não foi apenas Portugal que foi bruscamente acordado com a crise económica e financeira de 2008. Nós – todos nós – temos de reconhecer: a Europa, especialmente a Zona Euro, é tão pouco perfeita como qualquer um dos seus membros. Mas a comunidade revela capacidade para aprender. Há poucas semanas, Portugal pôde – que grande sucesso – anunciar a sua saída do fundo de resgate europeu. O país está empenhado em conter a crise financeira através de uma política determinada de reformas.

As mais recentes notícias são encorajadoras não apenas para Portugal, mas também para a Europa. São parte de uma série de desenvolvimentos promissores em outros países do euro, como a Irlanda ou Espanha. Mostram que a Europa está no caminho certo com a sua abordagem baseada na solidariedade e na solidez, que a consolidação e as reformas estruturais, embora difíceis, atacam as causas da crise em vez de tratar apenas os sintomas. Isso dá-nos motivos para estarmos confiantes.

Contudo, essa confiança não nos deve impedir de vermos a necessidade de continuarmos empenhados. Nós – e volto a referir-me a todos nós – devemos agora unir forças para tornar o crescimento mais robusto e para aumentar o emprego. Só assim será possível melhorar a situação de forma substancial. Penso sobretudo no desemprego jovem elevado, inaceitavelmente elevado. Ninguém na Europa se pode dar ao luxo de virar a cara a este problema.

Nós alemães estamos muito conscientes dos grandes encargos que pesam sobre a população portuguesa em virtude da crise e das suas consequências. Sabemos que muitas famílias têm dificuldade em juntar o dinheiro necessário para pagar a renda, os medicamentos, muitas vezes até para comprar alimentos em quantidade suficiente. É com razão que as pessoas se questionam sobre quando os seus sacrifícios serão recompensados com uma melhoria das suas condições de vida. Alguns deram expressão à sua desilusão nas eleições europeias, outros preferiram não ir votar sequer.

Como lida a União Europeia com estas questões, preocupações e reações? Ninguém tem respostas fáceis. Mas ao longo dos últimos anos adquirimos experiência suficiente para saber: vale a pena prosseguir o caminho de reformas que foi iniciado e explicar adequadamente à população o porquê deste caminho. Vale a pena promover a renovação do apoio ao projeto europeu! Ele continua a ser um projeto para o futuro, ao qual nós europeus nos mantemos fiéis. Sempre que puder, defenderei que a crise não deve ser interpretada como um fracasso. Devemos encará-la como um desafio, e também como um incentivo para, através de ideias inovadoras, voltarmos a assumir em conjunto responsabilidades para com a Europa.

As minhas primeiras conversas aqui em Lisboa deram-me a impressão que é precisamente este autoexame crítico que está neste momento a ser realizado. Portugal está em vias de encontrar para si um novo equilíbrio, não apenas do ponto de vista económico. Quero aproveitar a minha visita também para expressar o meu apoio a todos aqueles que encorajam os seus compatriotas a, ao olharem para as grandes tarefas e encargos, não perderem de vista as possibilidades que se abrem. Se o processo de reformas for bem-sucedido – e ao que tudo indica, em Portugal vai sê-lo –, pode dar lugar a uma nova prosperidade tal como a uma equidade renovada. Ao romperem-se estruturas antiquadas nasce uma nova esperança, nomeadamente para a geração mais jovem que, nos últimos tempos, se tem sentido muitas vezes abandonada.

Já o referi: A elevada taxa de desemprego jovem em partes da Europa muito me ocupa e preocupa. Do ponto de vista formal, este problema compete em primeiro lugar aos Estados membros afetados, mas na verdade, com vista ao nosso futuro comum, essa responsabilidade é, com efeito, partilhada por todos nós, como seus vizinhos na Europa e como seus próximos! Foi por este motivo que considere importante debruçar-me sobre o tema da formação profissional durante a minha visita. Como é que as nossas relações bilaterais podem contribuir para resolver a questão do desemprego jovem? Amanhã de manhã vou visitar um centro de formação profissional luso-alemão em Palmela. A cooperação no âmbito da formação profissional dual já conta com uma história de quase trinta anos. O que começou em 1983 como iniciativa conjunta da Câmara de

Comércio e Indústria Luso-Alemã e de doze empresas alemãs com o objetivo de satisfazer as suas próprias necessidades em matéria de mão-de-obra qualificada transformou-se num movimento com extensão nacional. E estou grato a todas as empresas alemãs que aqui se envolveram ativamente. Portugal criou o enquadramento legal necessário. Hoje, mais de 90 por cento dos diplomados logram dar o passo da formação dual para os quadros da empresa que os formou ou para outro emprego regular. É para mim uma grande alegria poder assegurar aos ilustres convidados que a Câmara de Comércio e os respetivos parceiros alemães vão continuar a empenhar-se ativamente no reforço deste sistema coroado de sucesso. Dar novas perspetivas à geração mais jovem – este foi e continua a ser, a meu ver, um tema central das relações luso-alemãs.

Elevada prioridade na nossa agenda bilateral cabe ainda à política de investimento. O Presidente Federal infelizmente não dispõe de um orçamento próprio com o título “Futuro” sobre o qual possa dispor livremente e que lhe permita fazer aqui grandes promessas. Mas tenho ao meu lado representantes de relevo do mundo empresarial alemão que me confirmaram: empresas alemãs, por exemplo dos setores automóvel, farmacêutico, ótico e turístico, estão muito interessadas em investir em Portugal. E isso acontece não apenas devido aos laços de amizade que os ligam a Portugal, mas por esta ser uma localização com perspetivas. Portugal dispõe de mão-de-obra qualificada, fiável e altamente motivada. Do ponto de vista económico, este país tem muito mais facetas do que fazem crer os estereótipos que ainda continuam presentes nas mentes de alguns europeus!

Que tantas pessoas quanto possível o saibam: os desenvolvimentos positivos em Portugal não são felizes coincidências mas sim parte de uma evolução, de uma estratégia que foi levada a cabo pelo próprio país. Portugal está a conseguir cada vez mais aproveitar as oportunidades que o mercado global oferece, o que é testemunho de uma profunda reestruturação da economia portuguesa em benefício de produtos e serviços mais competitivos. Estou seguro de que, também no futuro, as empresas alemãs continuarão a dar o seu contributo para que tal aconteça. No passado, não foram apenas as grandes empresas conhecidas que fortaleceram as exportações e o poder económico portugueses – também muitas pequenas e médias empresas alemãs desempenharam um papel de relevo. Estou muito confiante de que esse empenho se irá intensificar ainda mais no futuro.

Como devem reparar, gostaria que o bonito lema deste evento tivesse continuação: conetividade no presente e conetividade no futuro. Vim agradecer à Câmara do Comércio e Indústria Luso-Alemã pelo que realizou e encorajá-la a enfrentar os novos desafios. Aquilo que V.Exas. realizaram nos passados sessenta anos foi benéfico para as nossas relações bilaterais tal como para o nosso trabalho conjunto na Europa. Faço votos para que tal continue a ser o caso no futuro!